

A Cidade de Ytú

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X

REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 18 de Outubro de 1903

GERENTE
João Pery de Sampaio

N. 716

BOSQUEJOS

II

As facções partidarias, na sede de galgar os pináculos do poder, degladiam-se continuamente, trazendo por corollario, uma incerteza, uma duvida aos componentes retirados da lucta.

Em Ytú, dois grupos existem: um fazendo a felicidade, o engrandecimento do torrão natal; outro remordendo-se de inveja, de cubija pelo erario publico.

Um apoiado pela opinião publica, que reconhece em cada membro do partido, um caracter honrado, um passado sem macula; outro, condemnado ao ostracismo, desprezado pelo povo e repudiado pelo eleitorado.

Em Ytú, o partido domiuante está solidificado no peito duma população briosa, honra da terra de Feijó; enquanto os dissidentes se revolvem no lodo a que foram atirados, com o ruir do castello apodrecido e desmanteado pelos heroicos amantes do progresso.

O phantasma do partido dissidente de Ytú, tenta debalde elevar-se do charco immundo da desmoralisação, não conseguindo o seu intento, porque, quem fez a infelicidade dum povo, é necessario, é forçoso que seja desprezado pela victima immaculada.

A anemia moral que corrompe o organismo dissidente, só terá cura com o baquear desse esqueleto.

Continue, o partido dominante a fazer a felicidade de Ytú, não se importando com a canzoada que esbraveja. E' um enfermo na vasca da morte, debatendo se nos ultimos excretos de vida.

Atirem esse cadaver putrido, no fosso da podridão. Onde sahio seja sepultado. Volvamos um olhar, ao passado de Ytú, no tempo em que imperava o hoje, partido dissidente: Os assaltos aos cofres municipaes se repetiam quasi todos os dias.

O povo sobrecarregado de impostos e mais impostos, e beneficios nihil. Onde foi empregado pois todo o dinheiro do município?

Respondam as consciencias.

Felizmente um dia, raiou o sol da felicidade e os destinos da legendaria cidade ytuanã, foram confiados áquelles que estavam designados pela vontade do povo.

Os eebanjadores do erario municipal desce então, perseguidos pela voz da consciencia foram condemnados a mais horrenda das penas:—O desprezo.

Hoje, desmoralizados, querem fazer de Ytú, theatre de suas tropelias, promovendo desordens e arruaças; mas, a Lei que é soberana os punirá aniquilando-os para sempre.

—E' o que tem feito as facções politicas exploradoras e todos os logares.

Na vizinha cidade de Jundiah, tambem se observa a mesma cousa que em Ytú, com a differença em serem os papeis invertidos.

Lá, dois partidos se debatem: um que se diz dos «detentores do poder municipal», outro que empenha-se em rehabilitar se do mando que lhe foi frandulamente tomado.

A imprensa, na sua campanha, emiscue-se numa lucta sem treguas, mas, para nós que só temos sciencias dos factos pelo vozario, é uma mixordia infernal.

Esperemos, no entanto, e dentro em breve o municipio de Jundiah, será dirigido por aquelles que representam a soberana vontade do povo, e saibam zelar pelos interesses do visinho torrão.

—Finalmente por hoje, cumpre-me agradecer sinceramente, o acolhimento dispensado aos meus *Bosquejos*, méras opiniões de simples observador, amante da paz, e do progresso geral.



Quando em ti vejo a magica postura
tão meiga, ingenuamente e tão bondosa;
quando em mim fitas terna com doçura,
qual uma irmã gentil e carinhosa;

Quando abertos teus labios côr de rosa,
que desprendem um riso que a amargura
de meu peito se esvae, alva candura
realça em tua fronte primorosa.

Não és do mundo a planta que vegeta
ativa e genial na vida humana,
cheia de aroma casto que inebria....

Do céo tu és, talvez, filha dilecta,
eleita pela gran mãe soberana
dos altos céos—a Immacula Maria!

GR.

«A Cidade de Ytú» tem o seu passado todo consagrado aos interesses da terra de Feijó; no presente ella empenha-se na grandiosa campanha de atacar abertamente os vendilhões do templo, essa caterva de desmoralizados, perjuros e calumniadores que se dizem amantes do progresso.

Quanto ao futuro d'«A Cidade de Ytú», prosiga como até agora, e não será só a parte sã da sociedade a glorificar-lhe o nome; será até mesmo os seus adversarios, que reconhecendo o maldado caminho que trilha, converter-se-á ao verdadeiro almejo do povo ytuanã, sempre brioso, sempre dando arrhas de seu civismo.

A' redacção d'«A Cidade» pois, representada na pessoa do seu chefe, os meus agradecimentos.

JACQUES, O BRAVO.

Amor ignorado

Parecia um santo, diziam todos e era mesmo um modelo de virtudes o respeitavel cura da freguezia de ...

Muito bondoso, com seus grandes olhos pretos, olhar languido, e um riso constante que parecia feito de innocencia e ternura.

Em sua physionomia havia um quer que fosse de singular resignação.

Que vida calma levava elle!
Dir-se-ia que era a mais feliz das creaturas deste mundo!

Foi pela Paschoa que o caso se passou. Leatamente, em passos compassados, o cura atravessou o templo e collocar-se no confessorario, afim de dar principio ao seu piedoso dever.

Na igreja esperavam-n'o muitas devotas.

Approximou se do confessorario uma gentil senhora, fresca e bella, clara, de cabellos e olhos negros. O seu rosto alvissimo contrastava admiravelmente com o manto preto que lhe descia da cabeça e envolvia quasi todo o seu delicadissimo corpo.

Que bella mulher! Que fórmas esculpturadas e que sorriso divino!

Ajoelhada, contricta, com os olhos baixos, a formosissima peccadora respondia ás mil perguntas que lhe eram feitas.

—Nunca mentiste? filha!

—Nunca, respondeu a moça, mas com a voz tremula ia falar qualquer cousa quando o padre a interrompeu:—não estás mentindo agora?

—Filha, continuou elle, não tens

peccado algum, tu és pura com o lyrio e candida como as açucenas que ali estão adornando o altar de Christo; eu te absolvo...

—Não, Sr. reverendo, escutai-me, eu tenho um grande peccado, sou indigna da absolvição que me quereis conceder.

—Filha, qual será teu peccado?... já sei, foste cruel talvez e com teu desprezo deixaste morrer—quem sabe? alguém que te amou deveras.

—Não, eu fiz ha annos um furto e para minha maior vergonha conserve-o sempre junto ao meu coração; tenho querido, por vezes, desfazer-me de semelhante objecto, mas... é impossivel! quanto mais a razão me tortura e a consciencia me accusa, mais o adoro, mais o venero.

Onde está esse thesouro? diz afflicto o cura.

—Aqui; eil-o, e entregando o retrato que trazia consigo, deitou-lhe ainda um complacente olhar, até que seus olhos, rasos de lagrimas, nada mais puderam ver.

Houve um momento de silencio.

O retrato era de um mancebo formoso, de olhos ternos e fronte elevada. N'aquelles traços um tanto apagados pelo tempo ponde o cura perfectamente reconhecer o seu retrato de dez annos passados.

—Deus! estarei engauado?!

E' sonho ou realidade?! Não é possível; aqui ha um mysterio, conjecturava o padre.

Procurando sahir do embaraço em que estava, disse:—filha!

A moça, nada comprehendendo, pedia que a poupasse a tanto vexame e continuava com os olhos no chão.

O tempo tudo destróe, elle era já outro homem, das feições de outr'ora, d'aquelles formosissimos traços, poucos vestigios existiam.

—Estás perdoada, sim, si me contares a historia toda deste retrato, onde o contraste e como pudeste obtel-o?

—E' facil e é simples. Amei loucamente este rapaz (e chorava apontando para o retrato) não sei si era ou não correspondida, pois, occultei a todos e a elle proprio aquelle amor immenso; mas,—que ingenuidade!—cheguei a pensar que era amada por elle.

Dessa illusão, porém, desvaneci-me quando soube que elle, em terras longinquas para onde se havia dirigido, casara-se e... era feliz!

Passaram-se alguns annos. Eu nunca mais senti que tinha coração para amar.

A principio não podia acreditar; achava impossivel que outra mulher que não eu, fosse sua esposa. Infelizmente, porém,

cheguei ao conhecimento dessa verdade que me apunhava e dilacera a vida inteira.
—Filha, disse o padre muito commovido, eu conheci este rapaz, hoje é morto, e Deus manda que aos mortos tudo perdoemos.

—Morto!! Coitado, sinto-me menos feliz agora. Como sou má!

Ah! não é maldade não, é o ciume transformado em loucura.

E o padre proseguiu: Estou certo que elle nunca suspeitou sequer do amor que te inspirava!

E ao dizer estas palavras, duas grossas lagrimas rolaram-lhe pelo rosto pallido e triste.

—Rasguemos este retrato, filha, que tanto te afflige; és moça e talvez em outra affeição sincera esqueças este amor infeliz. Reza todas as noites um Padre Nosso para elle... estás absolvida.

Levantou-se a penitente sem ter ao menos suspeitado o drama que então se desenrolava.

O padre ficou absorto, pasativo, com os olhos extaticos e lacrimosos, até que foi surpreendido com o—acto de contrição—que outra penitente, a seus pés ajoelhada, começava a rezar.

Que de conjecturas, de odios e de pezares iam pela alma daquelle santo homem?

Dessa data em diante nunca mais em seus labios pairou o sorriso ingenuo de quem tem a consciencia tranquilla, diaphana, azul.

A moça desapareceu no meio da multidão, levando o suave consolo das palavras altamente philosophicas do Senhor Cura, que lhe dizia—perdoá, elle é morto.

Sim! morto para o amor!

Ella, a gentil peccadora, de todo esse passado de afflicções e dores conserva sómente a pallida lembrança ac passo que para o padre começou a vida de soffrimentos e martyrios.

O mundo é assim!

Toda a ventura de uns é expiada pelas lagrimas amargas de outros.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

(Dos Paineis).

MENTINDO AINDA

«*Republica*» em a local DELEGACIA do seu numero de domingo, abre ainda uma vez o seu *alforge de petas*, para contar aos seus leitores, que constava que o Dr. Luiz Gabriel de Freitas, solicitára a sua exoneração do cargo de Delegado de Policia de Ytú, e que o Directorio apontara para substituil-o, o Dr. Octaviano Pereira Mendes.

Para não estar com mais rodeios: E' mentira, é mentira d'aquellas marca Affonso Saldanha, duas entidades que reunidas representam uma só figura, a PETA!

Pois olhem senhores *republicueiros*: Nem o Dr. Luiz de Freitas solicitou e nem tão pouco solicitará a demissão do cargo que exerce a contento de todos, (menos dos desordeiros do *Republica*), e mesmo com a confiança que n'elle deposita o Governo do Estado.

Gritem, senhores *republicueiros*, gritem até rachar, e convençam-se de que mais uma vez mentiram como Affonso Borges, o profissional da mentira.

Demais:—O Dr. Octaviano Pereira, o indigitado pelo *Republica*, para substituir o Dr. Luiz de Freitas, no cargo de Delegado de Ytú, não pôde aceitar-o, visto como os seus affazeres fóra da cidade são muitos, e jamais poderia estar no exercicio do cargo.

Os boatos

Aquelles nossos antagonistas, são de uma força unica, e, quando lhes falha um plano, lançam mãos de outros com a menor sem cerimonia; e se ainda estes não dão o resultado desejado, ahí começam as vociferações, os ataques individuaes; as calumnias e injurias contra os nossos amigos e chefes, e isto não só pelo jornal, como também por meio de cafagestes comprados por meia duzia de promessas de collocações futuras,

Do espirito dos leitores, não apagou se ainda a lembrança dos factos desagradantes que aqui se deram na tarde de 6 do corrente, promovidos por Samuel Borges, pae do fogoso e *impvido* redactor do *Republica*, Affonso Borges.

Esses factos que perduram ainda em nosso espirito, eram precisos ser disfarçados e, os nossos antagonistas, que não perdem vasa; e, mormente, quando a opinião publica está voltada sobre elles, condemnando-lhes pelos seus desatinos; procuraram d'esta vez um meio gaiato de desviar a attenção do publico, sobre esses factos, e arranjaram uns boatos descabidos, e fizeram n'ó correr ruas, pelas bocas dos seus *Zé Gazeta*, *Bundilha*, e outros cafagestes de igual jaez.

Esses boatos podem ser reduzidos ao seguinte: Affonso Borges foi a S. Paulo e de lá voltou contando a todos que encontrava, esta explendida historia: Que o partido governista de Ytu ia cair, porque o futuro presidente do Estado o tinha chamado a S. Paulo, para conferenciar bem como ao Sr. Godofredo Fonseca, quem propoz dar uma cadeira na Camara, a chefe da politica de Ytu com condição de exclair, de vez, da politica o Sr. coronel Sampaio. Ainda mais, contava o fogoso Affonso que o Sr. Silva Castro, correligionario do coronel Sampaio, ia occupar um lugar no Senado, de mãos dadas com o Sr. Fonseca. E em tom de confidencia o Affonso narrando o que acima ficou dito, com a belleza de sua palavra concluiu afirmando que a situação ia agua abaixo.

Quando essa historieta chegou nos nossos ouvidos, correctá e augmentada, como tudo que é boato, *chrisanthalissada*, já se dizia que o nosso partido ia cahido, que o Godofredo ia nomear, o Samuel delegado de policia, (que ironia) o Machado procurador geral do Estado e até que o proprio Affonso tinha feito um seguro plano de empastelar as nossas officinas.

Sinceramente confessamos que achamos graça a essa bomba que o Affonso e seus comparsas jogou, e nos rimos a larga, de mais, uma miseria e baixeza que elles tão profundamente tem produzido ultimamente. Infelizmente somos levados a dar os nossos *pezames* ao Affonso, porque essa historia não vingou apesar da lingua do *Zé Gazeta*, aprovação do Saldanha e da sua immensa vontade; essa infamia e baixeza como tudo que é vil só serviu de riso e nojo a todos que ouviram-na, se correu toda a cidade foi sempre acompanhada d'estes commentarios tão simples e expressivo: «Que infamia! Procuram agora por meio de novas intrigas destruir a impressão que o conflicto que o cocheiro Samuel Barges e seus filhos fizeram ha dias n'esta cidade.»

Infeliz Affonso, o plano mais grandioso que elle fez, para desviar a attenção e o publico de sobre si e dos seus foi assim recebido por todos. E não era para menos, visto como esse boato, não só era para esquecer os factos, tão vilmente alterados por elles, do conflicto na rua do Commercio, como também tentava intrigar o nosso distincto amigo Dr. Silva Castro com todos os seus correligionarios. E quer saber o *Affonsinho* qual foram as palavras que proferiram os nossos amigos ao chegar lhes esse boato? «Se isso, por acaso succedesse, cabiriamos todos com os nossos chefes, assim como com elles subimos» Quer saber, o *impvido e burlesco valentão* quaes os termos cordeaes com que a imprensa official de S. Paulo noticiou

a estada lá do Dr. Silva Castro e do Coronel Sampaio? Leia:

«Estiveram n'esta capital e voltaram hontem para Ytu, os nossos distinctos amigos coronel Antonio de Almeida Sampaio e dr. Antonio Constantino da Silva Castro, prestigiosos membros do Directorio Republicano d'aquella cidade, que receberam da Commissão Central do partido republicano as maiores provas de consideração e de apoio.

Ouviu? Porem basta, nós não commetemos infamias, nem podemos manchar nossas considerações em factos vindos de tão baixo e forçados por individuos sem consciencia.

Para que cruzar as nossas pennas, com calumniadores burlescos. Convença-se Affonso e convençam se os seus sequazes que suas miseráveis calumnias não hão de vingar e que esse boato só veio trazer mais força, mais união, mais solidariedades as fileiras do partido governista de Ytu. E' isto que sempre acontece quando os valentões querem transformar se em Mentores e os calumniadores tentam criticar homens de Bem.

O trunfo sahio lhes ás avessas.

Pobre gente! pobres *pasguineiros*!

Em lugar de conquistar mais adeptos para a sua causa nunca hão de conseguir tiral a do lodo onde ella nasceu, viveu e agonisa, vendo o seus proprios amigos, d'aquelles que não gostaram da *pêta*, abandonal-os.

Deus os perdoe e o Diabo os leve.

Infelizes! Foi peor a emenda que o soneto.

PAULISTANAS...

Está satisfeita a curiosidade do povo? Feriu-se, hontem, no bello parque da Antartica a, tão anciosamente esperada, batalha de flores...

Estarão contentes todos que para lá se abalaram?

A resposta é facil: os que lá foram movidos unicamente pelo espirito de caridade, devem estar satisfeittissimos, com o resultado; porque não consta que em S. Paulo houvesse festa que (não se falando nas festas populares como Carnaval etc.) atrahisse tanta concurrencia como a de hontem.

Os que para lá se moveram porém, afim de satisfazerem uma curiosidade de devem nesta hora, estar convencidos de que si não perdem seus dinheiros foi porque estes, reduziram-se em beneficio de uma casa de Caridade. Felizes foram os leitores do interior que assistiram uma *renhí dissima* batalha de flores através da imprensa paulistana... e isso muito bem accommodado em uma poltrona e sem gastar um real...

Quer o illustre leitor da «Cidade» saber que foi a batalha de flores em S. Paulo? Acompanhe-me que vou tomar o bonde de «Agua Branca»:

Seriam 12 horas quando resolvido a ir ao parque conseguir apoz muito custo, um logarzinho num bonde que para lá se dirigia. Já era enorme a concurrencia, a essa hora.

As 12 h. e 50 m. descia em trente ao bello jardim—nem uma entrada de ca... ou de archibancada havia mais a vender. Tomei uma geral e entrei: magnifico aspecto apresentava o parque.

Ao lado direito do campo de *foot-ball* erguia se uma elegante archibancada de solida construção e toda embaldada. A' hora que chegou ja estava completa a lotação das archibancadas.

Ao lado esquerdo, em palanque, muitas filas de cadeiras numeradas, todas occupadas; rodeando o campo, contavam-se milhares de pessoas. Podemos affirmar, sem receio de uma contestação que 12 mil pessoas assistiram a festa de hontem.

Uma hora marcava o relógio quando entraram em campo os 2 briosos *teams* de *base ball*, compostos de jogadores dos couraçados Americanos. Por espaço de 50 minutos jogaram os marinheiros com muita pericia, terminando no meio do maior indifferentismo por parte dos espectadores!—Esse jogo não despertou nenhuma attenção por ser a 1ª vez que se joga nesta Capital.

Depois de curto intervallo de 10 minutos dava começo o 2º n. do programma: apresentavam se no campo, uniformizados os gloriosos jogadores de *foot-ball*, brasileiros e estrangeiros,

Esse jogo tão apreciado do nosso publico, correu muito desanimado até o fim. Seria causa disso o calor ardente que fazia? Talvez. Minguadas palmas annunciavam o fim do *matach* cujo resultado foi:— estrangeiros 2 e brasileiros 0.

Muita attenção, leitor amigo—vae começar a Inana (digo batalha). Entra o primeiro carro; houve um movimento de attenção, entra o 2º, o 3º enfim (como diz o poeta) milhares de carros entraram sem que os espectadores mostrassem admirados.

Dos carros a maior parte não eram enfeitados com flores. E por espaço de 2 horas começaram elles a rodarem uns num seutido e outros em outro—jogando as damas—quando se encontram minguadas flores uns nos outros. Em cada physionomia nesta hora, via-se perfectamente deseuhado um ponto de interrupção; como que perguntando:—é a isso que se chama batalha de flores?—é esse o divertimento predilecto dos estrangeiros?

Eis o que foi, em ligeiros traços, a festa do Parque.

A' noute ainda houve fogos.

Estão expostos na sala do photographo Volssack os quadros dos bacharelaudos em direito e dos graduandos em pharmacia—deste anno.

Continúa chuva nesta cidade.

L. FOURCY.

REGISTRO CIVIL

Movimento do mez de Setembro

Obito

Dia 1—Manoel, filho Manoel Gonçalves 2 annos Brasileiro Eutero colite.—Henrique, filho de Sebastião de Souza 1 anno Brasileiro sem assistencia medica.

Dia 3—José, filho de Francisco Pedrozo 15 mezes sem assistencia medica.—Feto filho de João Gazzi.

Dia 5—Alfredo, filho de Pepilli Angelus 5 mezes sem assistencia medica.—Savera Nunes, 19 annos Italiano Solteira Tuberculose Pulmonar.

Dia 6—Feto filho de Antonio Moreli.—Laura Fonseca 24 annos Brasileira casada Tuberculose Pulmonar.—Belizario, filho de Joaquim Firmino de Andrade 14 mezes Gastro enterite.

Dia 8—Vandelino Affonso Lobo, 32 annos brasileiro, casado, Tuberculose Pulmonar.—Manoel Joaquim da Silva, 70 annos portuguez viuvo Arterio aebrosi.

Dia 9—Amador Antonio, 65 annos portuguez viuvo Bronchite alcoolica.—Dumitilia Maria A. de Barros, 33 annos portugueza casada Tuberculose Pulmonar.

Dia 11—Ignacio, filho de José de Oliveira Cissú, Momentos de vida.

Dia 12—Um Feto, filho de Auta de Almeida.—Benedicto, filho de Julio do Amaral Campos, 1 anno Gastro enterite.—Maria Rita da Rocha, 25 annos Solteira brasileira Tuberculose pulmonar.

Dia 13—Eugênio Soares da Costa, 64 annos viuvo brasileiro, Nephrite paruchimatoza.

Dia 14—Cezar Puccinelli, 59 annos Italiano viuvo, Gangrena diabetita.

Dia 15—Adriano Antonio Rodrigo, 32 annos brasileiro solteiro, Tuberculose pulmonar.—Candida Fidelis 25 anno, brasileira casada, Tuberculose pulmonar.

Dia 16—Benedicto, filho de Leopoldo Augusto de Almeida, 62 dias Pismo paludismo.

Dia 18—Paulina do Amaral Souza 41 annos brasileira viuva Tuberculose pulmonar.

Dia 19—Um Feto, filho de José Xavier Bueno.

Dia 20—José, filho de Francisco Gasparozza, Fraqueza congenista.—José Ignacio de Barros 14 annos brasileiro Solteiro Tuberculose pulmonar.—Joaquim de Araujo, 34 annos casado, Asphixia por submissão.

Dia 23—Bochini Giovanni, 87 annos italiano viuvo, Sem assistencia medica.

Dia 24—Um Feto, filho de Getulio Augusto.

Dia 25—Maria, filha de Tiburcio de Almeida, 4 mezes Sem assistencia medica.—Alice, filha de Francisco Martins de Oliveira, 2 annos Sem assistencia medica.

Dia 27—José, filho de Joaquim Augusto de Camargo Pinheiro, 14 mezes Gastro enterite.

Dia 28—Claridina, filha de Manoel Nicolau de Almeida, 3 annos brasileira Gastro enterite.—Elpidio, filho de Ottonio de Arruda Castanho, 4 annos brasileiro Sem assistencia medica.

Dia 29—José, filho de Antonio de Souza Ferraz, 1 anno brasileiro Gastro enterite.

Dia 30—Joaquim, filho de Salvador da Silveira Moraes, 2 annos, brasileiro. Sem assistencia medica.—Mariano de tal 80 annos solteiro, brasileiro. Sem assistencia medica.

Felicitações d'«A Cidade»

O Collegio de S. Luiz, celebrou ha dias o 50º anniversario da entrada do venerando padre Sabbatini, para a Companhia de Jesus, com uma imponente festividade.

Associando-nos a esse tributo prestado pelos seus irmãos de habito, ao velho sacerdote, pedimos venia para testemunhar lhe também as nossas felicitações.

—Passa se hoje o anniversario natalicio do nosso presado e prestigioso chefe e amigo, coronel Antonio de Almeida Sampaio, digno presidente da Camara Municipal; motivo pelo qual, felicitamul o.

—Festejou hontem o seu natal, o o nosso presado parochio revdm. padre Elizario de Camargo Barros.

S. Exa. Revdma. foi muito felicitado e as Irmãs do *Circulo catholico de N. S. da Candelaria*, offereceram lhe o seu retrato a *crayon* trabalhado pela Exma. Sra. D. Catharina Pont.

A todas as felicitações de que foi alvo, juntamos as nossas.

N'um tribunal

—O Juiz—(dirigindo ao réo) Então o Sr. tentou contra a vi da do Fidelis?

—O Réo—Não, seu doutor, eu somente disparei o tiro para o ar—

—O Juiz—Mas, as testemunhas viram-no apontado a arma contra o Fidelis—

—O Réo—Ah! Isso é porque nem o seu doutor, nem as testemunhas conhecem a marca da minha garrucha.

—O Juiz—Qual é—

—O Réo—E' marca *Samuel*, seu doutor, quando se aponta para alguma pessoa a bala vae para o ar e quando dispara-se para o ar é perigoso, sim senhor.—(o Juiz suspendo a sessão para tomar ar.)

Entre amigos:

—Então que novidades ha?

—Dizem que vae tudo agua abaixo. Nós todos vamos cahir e o Affonso com o Samuel vão subir—... para o ar a procura da bala que o Samuel disparou e até agora não cahiu.

Você acredita em sonhos?

Não, porque?

Pois sonhei que fui atacado—

Já sei—pelo Samuel—

Não, meu filho, pela febre amarrella.—

Ah! Antes isso...

Noticiario

«O PORVIR»

No dia 12 do corrente foi distribuido mais um bom numero deste *jornalzinho* dos alumnos do grupo escolar *Dr. Cezario Motta*, d'esta cidade.

O colleguinha, traz bons artigos, tendo n'elle collaborado alumnos e alumnas dos diversos annos.

Gratos pela visita, concitamos aos colaboradores do *Porvir*, a proseguirem com coragem no seu tentamen, deixando de lado as criticas oriundas de quem nem sequer tem a noção de que o encorajamento aos principiantes é o alicerce para o desenvolvimento das vocações nascentes.

COLLECTORIA FEDERAL

Communicou-nos o nosso presado amigo, senhor José Balduino do Amaral Gurgel, digno Collector das Rendas Federaes, n'esta cidade, de que mudou

a repartição a seu cargo, da rua do Comercio, numero 135, de junto da Collectoria Estadual, para o predio numero 425, da mesma rua.

Gratos pela communicação.

ELLES

Por vagabundos, foram ha dias recolhidos o cadeia publica, os *senhores*: Jacob Galvão, Luiz de Paula Faria, Noé Jacintho de Camargo, Joaquim Bueno de Camargo, e as *senhoras donas* Maria Benedicta da Conceição e Maria Hortencia.

Na occasião da prisão, evadio se João Baptista, vulgo João Grande.

Duro com elles.

ESPECTACULO

Si o tempo permitir, realizar-se-ha hoje no nossovelho S. Domingos, o espectáculo que o sympathico grupo dramatico *João Caetano*, dedica ao correcto artista Salazar D'Eça, e em seu beneficio, pois sabemos que estão passados camaro, tes á 23 familia.

Auguramos ao Salazar uma boa casa. *Espectaculo em beneficio do Asylo.*

RECEITA :

Camarotes passados (11) . . . 140\$000
Resultado da bilheteria . . . 107\$000

247\$000

DESPEZAS

Iluminação 40\$000
Musica 30\$000
Theatro 40\$000
Avulsos 40\$000
Foguetes 5\$000
Vellas, varredor, entregador 6\$000

401\$000

Saldo liquido :
Ao Asylo 58\$000
A Eduardo Roocha 58\$000
Despesas 401\$000

247\$000

Faltam receber ainda a importancia de algum camarotes, para o respectivo saldo tenha o conveniente destino.

«A CIDADE»

Atrasando-se bastante o nosso numero ultimo, não nos foi possivel dar *A Cidade* na quinta feira, e para não distribuil-a com o atrazo de um dia, resolvemos recommear regulamente de hoje a sua distribuição.

Esta nossa falta, esperamos será desculpada pelos nossos leitores e assignante.

Secção Livre

AGRADECIMENTO

Francisco Pereira Mendes Primo, seus filhos e cunhada, agradecem penhoradas a todas pessoas que levados pelo verdadeiro espirito de religião a caridade, foram assistir a missa de 1º anniversario mandado rezar no dia 14 do corrente na igreja Matriz pelo descanço eterno de sua idolatrada esposa mãe e irmã **Blandina de Camargo Pereira.**

Ytú, 15 de Outubro de 1903.

CABREUVA

Festa do

Divino Espirito Santo

O abaixo assignado, festeiro do DIVINO ESPIRITO SANTO n'esta villa de Cabreuva, gara o presente anno, communica ao publico, que a festa que estava marcada para o dia 1º. de Novembro, proximo, realizar se-ha nos dias 8 e 9 do corrente mez.

Será elevado o mesmo programma dos annos anteriores.

Além das festividades religiosas, tãrão lugar divertimentos profanos, como sejam: uma boa companhia de cavalheiros, o popular boizinho, etc. etc.

Cabreuva, 16 de Outubro de 1903,
O FESTEIRO,

MANOEL ANTONIO DE CARVALHO

Os Borges

O jornal *Republica* continua occuparse com a minha pessoa discutindo os factos que se passaram no dia 8 do corrente.

E' publico e notorio nesta cidade que contra mim foi commetido o crime de tentativa de morte figurando como autor o pae do Sr. Affonso Borges. Em seguida fui agredido e offendido physicamente pelo mesmo Sr. Affonso e seus irmãos Lupercio e Herculio auxiliados por Augusto Avelino da Silva que tambem descarregou me uma cacetada; depois de tudo isso, o pasquim da rua do commercio trata-me de *desordeiro, negro boçal, analfabeto, mercenario perigoso, capanga conhecido* e outras

expressões dignas dos seus autores.

Sou desordeiro? Pois bem; convido o S. Affonso para darmos um passeio até Sr. Paulo e tirarmos uma folha corrida na Repartição de Policia. Se meu nome for ahi encontrado retirar-me ei de Ytú; se ao contrario, fór encontrado o registro do nome do Sr. Affonso, como desordeiro, para moralidade da imprensa S. S. deixará a redacção do jornal em que escreve as suas sandices, mentindo descaradamente.

Concorda? Estou certo que não, porque o Sr. Affonso deve rocordar-se do seu passado.

Sou negro? Sim; tenho o corpo dessa cor, porem minha alma é branca porque a consciencia não me accusa de ter praticado más acções. Com o Sr. Affonso dá se o inverso: tem a pelle alva e o coração negro, moldando suas acções na mais requintada torpeza.

Sou boçal e analfabeto?

O Sr. Affonso sabe apenas ler, escrever, contar, applica-se na leitura de romances e jornaes. Eu, como S. S. leio escrevo, aprecio os romances e faço diariamente a leitura dos jornaes. Agora, se sou analfabeto e boçal, S. S. que tem illustração limitada como a minha tire a conclusão a seu respeito.

Sou mercenario?

Olhe para traz Sr. Affonso.

Na redacção do *Republica* tambem existe gente dessa laia.

Nunca fui capanga e nem mercenario; sou um pobre marceneiro que vive de seu modesto officio. Mercenarios são os individuos que vivem por Séca e Meca ganhando para escrever descomposturas grosseiras, comprando brigas alheias e servindo de *testa de ferro* a pasquins immoraes. Esses é que são os *mercenarios perigosos* porque com a calumnia e occultos sob o anonymato atassalham a reputação dos homens de bem, invadem o lar domestico, tripudiam sobre a honra alheia....

Pergunta mais o «*Republica*» quem sou eu *para faltar com a attenção á familia Borges por todos os titulos respectavel.*

Sou filho duma familia obscura e pobre, é verdade, porem legitima e que não tem manchas. Meu pae nunca viveu de torpe officio de *capitão do matto*, nunca explorou com furtos praticados por escravos, não apossou se illicitamente da fortuna dum irmão moribundo, nunca tentou contra a vida de seu semelhante.

Meu irmão não é desordeiro, tambem

nunca tentou contra a vida de homens laboriosos, por instincto perverso.

Eu, finalmente, não tenho meu nome nos registros policiaes da capital onde sempre vivi; não sou official de registro de hypothecas para poder abusar da boa fé dum preto e inscreveu criminosamente em primeiro lugar o credito hypothecario de meu pae dando-lhe assim a preferencia na divida; não fui a causa da morte de um infeliz estudante, não assaltei casas de familias italianas, nunca (e Deus me livre) reneguei as qualidades do meu sexo, não abuzei da hospitalidade de outrem e sempre respeitei a honra alheia.

Agora, o Sr. Affonso Borges consulte a sua consciencia e verifique se pode dizer a mesma cousa e se a carapuça lhe vae bem.

E é um typo desta ordem que pretende pregar lições de moral!

Ora bôlas!

Ytú, 16-10-903.

PEDRO SOARES DE OLIVEIRA.

Annuncios

O Dr. Francisco Tibiriçá

MEDICO

Tendo fixado sua residencia n'esta cidade, attende chamados a qualquer hora do dia ou da noite.

Consultorio--Rua Direita 16

TRABALHADORES

Na fazenda do «Vassoural», de propriedade de Pereira Mendes, precisa-se de grande quantidade de trabalhadores. Para tratar na mesma fazenda.

Ytú, 11 de 10 03.

Bom negocio

Vende-se nesta cidade, duas boas casas, sendo uma na rua do Carmo n. 45, e outra no largo do Carmo n. 125, (esquina), e tambem um bom pasto bem feixado, com aguada boa, na rua do Patrocínio.

Para tractar no Largo do Carmo n. 125 com Antonio Leite.

AHNADLSA

contém aquella caixa cumprida que sempre está coberta com um panno negro?

—Não sabes?

—Não.

—Pois é um cadaver—disse o contra-mestre com naturalidade.

—Um cadaver—repetiu o piloto admirando, que como marinheiro era um tanto supersticioso.—Para que diabo tem o nosso capitão um cadaver no camarote?

—Não sei.

—Não confia na minha descripção, contra-mestre?

—Não posso dizer o que ignoro.

—De maneira que o navio não tem outra missão que fazer passear um cadaver pelo Oceano?

—Sim; e parece-me que não acabará o posseio senão quando o mar arrojear os nossos ossos a uma costa. No entanto se o piloto está cansado de esta vida, no primeiro porto que entrar para renovarmos as provisões, peça a sua baixa do rol da tripulação e assumpto concluido.

—Não estou tão cansado para que chegue a esse extremo.

—Então respeitemos a vontade e os caprichos daquelle que nos paga.

Estas scenas repetiam-se com frequencia e o descontentamento derramavam-se por toda a tripulação do brigue, que ia atravessando o mar sem temor dos perigos nem das tempestades, e parecia fugir dos portos como um judeu errante do oceano.

Ao quarto mez de viagem começaram o escassear os viveres e o contra-mestre desceu uma manhan ao camarote do capitão para lhe dizer:

—Temos agua para seis dias e os comestiveis estão deteriorados; é preciso pois procurar um porto para renovar as nossas provisões.

O capitão ouviu tranquillamente a advertencia do contra-mestre, pegou num mappa e marcou a derrota que o navio devia seguir.

Oito dias depois o brigue *A Morte* ancorava na bahia de Manilha. As suas velas negras chamavam a attenção dos outros navios.

A tripulação viu com gozo a terra; e o capitão concedeu-lhe um dia de liberdade para que commettessem toda essa classe de ocuras tão peculiares aos maritimos depois de uma longa viagem.

O capitão esse nunca foi á terra, e levava a mesma vida que no mar alto sempre encerrado no seu camarote a maior parte do tempo.

—O Sr. Souza já inteirou aos senhores das condições que devem cumprir a bordo do brigue?

O contra-mestre, que era um catalão de franca physionomia e pulsos robustos, respondeu em nome de todos:

—O Sr. Souza disse-nos que necessitava tripular um navio novo que ia navegar pelo grande lago sem rumo fixo. Disse-nos tambem que os nossos ajustes seriam bons, e como fomos verdadeiros filhos do mar, creio que o nosso capitão não ha de ficar descontente de nós.

—Bem, observou d Candido—cumprindo com os seus deveres, eu pela minha parte desde já me certifico soldo dobrado.

Houve entre os marinheiros um murmurio de approvação, e a alegria brilhou em todos os semblantes.

D. Candido pagou um mez adeantado á tripulação e tornou a

—Agóra, senhores, vamos almoçar como bons camaradas e beber algumas garrafas de vinho de Hespanha.

Alguns momentos depois, a nova tripulação, do brigue *A Morte* estava abancada á meza, fazendo honra ao cozinheiro da hospedaria.

O almoço começou com bastante frieza, porque o amphitrião e capitão ao mesmo tempo comia pouco, e no seu rosto nolava-se uma profunda tristeza, que esfriava a franca alegria daquelles homens.

D. Candido, que conheceu isto mesmo, levantou-se da meza e desapareceu da sala, tendo dito primeiro ao portuguez Souza, que fazia isto para deixar em liberdade os seus marinheiros.

Desde este momento tudo mudou de aspecto.

Começaram os brindes e a expansão e a alegria que reinavam em torno daquelle meza tornou-se ruidosa.

Uma hora depois alguns marinheiro dormiam profundamente no chão, e outros sobre os sophás e as cadeiras.

Só um delles, o velho piloto catalão, permanecia com os cotovellos apoiados sobre a mesa, o cachimbo na bôcca e um copo de rum ao alcance da sua mão.

D. Candido, quando entrou fixou um olhar no piloto, cujo rosto parecia sereno.

O catalão ao vér a seu capitão poz-se em pé e sorrindo-se com desdenhosa expressão, disse indicando os seus companheiros:

—Ahi está o que o vinho faz.

—Sim, bem vejo; porém o senhor deve ter uma cabeça bastante forte para se salvar do destroço geral.

—Nunca me pude embriagar, capitão; e isto algumas vezes é uma

J. D. MARTINS

COMMISSARIO

Successor de MARTINS & OLIVEIRA

Praça da Republica, n. 1

Caixa Postal, n. 193

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ITARARÉ"

SANTOS

Representante e agente

Francisco Augusto de Oliveira

COM DEPOSITO DE SACCARIA NOVA E USADA

RUA S. BENEDICTO N. 2

AMPARO

N. B.—Boas classificações e optimas contas de venda
E' o systemada casa

Sem receio de contestação, pôde-se afirmar que a casa commissaria J. D. Martins:

ESFORÇA SE QUANTO POSSIVEL PARA BEM SERVIR, procurando sempre, correspondente a confiança que lhe é depositada;
Não especula em café;

LIMITA-SE EXCLUSIVAMENTE Á SUA COMISSÃO E ENSAQUE;

NÃO TEM SOCOS com quem deva repartir lucros, o que é uma INCONTESTAVEL CANTAGEM para os Srs. Comittentes; finalmente, sempre tem prestado OPTIMAS VONTAS DE VENDA, de modo a satisfazer ainda mesmo aos freguezes mais exigentes.

Uma remessa apenas de algumas saccas, provará a exactidão do que fica dito.

Pedidos de saccos e mais informações: **Dirigir-se ao Representante, ou directamente á casa.**

EUREKA!

Pharmacia Souza



DE

SOUZA & COMP.

YTU'--RUA DO COMMERCIO, 115

(ANTIGA LOJA DO VEADO)

Completo sortimento de drogas, e productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.

Aviam-se receitas com promptidão e acceio a qualquer hora do dia ou da noite.

O estabelecimento acha-se sob a gerencia do pharmaceutico Irineu Augusto de Souza, que está actualmente residindo à rua do Commercio, n. 92; e onde pôde ser chamado a qualquer hora da noite.

Dr. Enrico Viscardi

—»«—

Medico—Cirúrgico

Laureado pela Universidade de Pavia (Italia)

Habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

—»«—

Residencia—SALTO DE YTU'

Sorvete e gelo

Jacinto Lacerda, participa aos seus freguezes, e ao respeitavel publico em geral que de hoje em diante terá a venda sorvete de fructas, e bem assim gelo de primeira qualidade.

Rua de S. Cruz 95.

Papel de embrulho
5\$000 a arroba

FUMO

o que ha de superior, só é encontrado no ARMAZEM DO QUEIMA, a rua da Palma, n. 53

Martins de Oliveira & Marins.

Fazenda a venda

Vende-se uma boa fazenda distante 4 legua desta cidade com boa caza de morada feita a tijollos, e 33 casas para colonos tambem feitas a tijollos e boa machina de beneficiar café casa boa para administrador 130 mil pés de café sendo 20 mil de 2 annos e 110 produzindo, aguadas boas e grandes, pastos excellentes, todos cercados de arame, 2 carroças arreadas com animaes de primeira ordem; a quem pretender comprar pedimos enviar carta a

Viuva Almeida & Filhos.

desgraça para mim; enfim sempre é bom que alguém conserve os sentimentos para velar pelos seus companheiros.

CAPITULO XLVII

SEM RUMO FIXO

duro é evidentemente a chave mestra, o talisman magico que serve aos homens para conseguir prodigios; por isso, sem duvida, seis dias depois da scena que acabamos de narrar, o brigue A Morte, apetrechado para uma longa viagem, levantava ferro e abandonava o porto de Liverpool.

D. Candido tinha adornado o seu camarote com alguns moveis commodos, uma multidão de instrumentos nauticos, livros scientificos e todas as colleções de viagens que se tinham dado á luz nestes vinte ultimos annos.

O atade, que os nossos leitores já conhecem, tambem estava no camarote sobre uma meza de ébano. Além disso tambem alli se viam as seis caixas de ferro que encerravam toda a fortuna do ex-negreiro.

Aquelle homem, a quem a morte de sua filha tão profunda impressão lhe tinha causado, logo que o brigue deu as velas ao vento, tinha-se encerrado no seu camarote, dando primeiro algumas instrucções ao piloto.

Que pensamento, que plano, que movel dirigia a derrota daquelle navio, cujas velas negras tinham chamado vivamente a attenção de todos os que o viram partir?

Para onde se dirigia o brigue A Morte? D. Candido, talvez não podesse mesmo responder a estas perguntas.

Como dissemos o capitão do brigue passava a maior parte do tempo encerrado no seu camarote, e muitas vezes dirigia a palavra ao cadaver de sua filha.

—Tú já não existes—dizia elle—e o homem que murchou o primavera da tua vida talvez viva alegre e feliz nos braços de uma mulher perjura. Poderia vingar-te; sobravam-me meios e coração para isso; porém de que me serviria se não podia devolver-te a vida?

Outras vezes apezar dos seus annos e dos seus cabellos brancos, d. Candido subia ao cesto da gavéa do mastro grande, e alli sentado fumava no seu cachimbo contemplando o limpido horizonte que se estendia antes a sua vista.

A sua tristeza era tão grande, tão profunda, que ninguém a bordo se atrevia a dirigir-lhe a palavra.

No entanto no principio de todos os mezes d. Candido mandava pôr uma meza junto ao mastro grande, chamava os marinheiros um a um e pagava-lhes as soldadas, dizendo como Nelson:

—Espero que continuem a cumprir com os seus deveres.

Contudo aquelle modo de navegar sem uma derrota determinada, sem que se conhecesse o objecto daquelle mysteriosa expedição, meçou a infundir temor aos tripulante do brigue.

Retanto, decorreram dois mezes e durante este tempo, d. Candido teve occasião de demonstrar á sua gente que era um nautico intelligente e sereno.

Um dia, porém, o piloto e o contra-mestre mantiveram o seguinte dialogo, porque tanto ao homem do mar, como ao que vive em terra firme, o que mais lhe desagrada é viver sempre acossado pela incerteza:

—Se uma pessoa soubesse—dizia o piloto—o fim da viagem, por difficil e por longa que fosse, sempre haveria resignação para a levar a cabo. Porém, amigo contra-mestre, isto de passar mezes sobre mezes no mar, sem que se saiba aonde uma pessoa vae dar com os ossos, confesso francamente que me tira o somno.

—Pela minha parte,—replicava o contra mestre—emquanto viajar por mares conhecidos e me paguem religiosamente a soldada estipulada, dormirei o somno solto, sem me metter em camisas de onze varas.

—Porém a tripulação começou a enfadar-se.

Fazem mal, porque quando os contractaram, falou-se-lhe com franqueza, e elles prometteram obedecer sem replicar.

—Neste mundo promettem-se muitas coisas que depois não se cumprem.

—Pois eu cumpro sempre o que prometto.

—Sejamos franco, contra mestre. E' preciso convir que algum mysterio se encerra no camarote do nosso capitão. Que diabo